

15 MAI 1996

Para revista inglesa, FHC perdeu a chance

José Negreiros
Correspondente

CORREIO BRASILENSE

Washington — O presidente Fernando Henrique Cardoso perdeu uma grande oportunidade de realizar reformas econômicas mais profundas no início do governo, quando sua popularidade estava em alta, avalia reportagem da revista inglesa *The Economist* que está nas bancas.

A mais importante revista de jornalismo econômico e financeiro do mundo, e também uma das mais antigas, é pessimista em relação a novos avanços. Observa que a reforma tributária ainda não chegou ao Congresso e a da Previdência Social está na dependência de julgamento do Supremo Tribunal Federal (STF).

As mudanças na área da administração federal que permitirão demitir funcionários públicos dificilmente serão aprovadas num ano eleitoral, lembra a revista, que elogia a capacidade que o presidente tem para convencer as pessoas.

Sem reformas, conclui *The Economist*, o Brasil não está novamente ameaçado pela superinflação mas andarás rumo à modernização mais devagar do que pode e do que precisa.

A exemplo de outras análises recentes da atual política econômica feitas desde o final do ano passado pela imprensa internacional, a revista crítica a escassez de crédito, a taxa de câmbio sobrevalorizada e as altas taxas de juros que empresas de primeira linha estão pagando no Brasil.

“O resultado tem sido queda de produção, a maior quebraadeira bancária desde os anos 80 e aumento do desemprego”, constata.

BUROCRACIA

A reportagem reconhece que o governo está tentando controlar gastos com salários e combater o déficit dos estados e municípios, mas não acredita no êxito dessas medidas sem a votação das três reformas que faltam e da regulamentação das que já foram aprovadas.

“Na raiz dos problemas fiscais brasileiros está uma burocracia que adora a segurança do emprego e a aposentadoria aos 45 anos com um salário 20% maior do que ganhava na ativa”, afirma a revista, num ataque a uma dificuldade que o governo não consegue remover.

Este ano, segundo estimativas citadas por *The Economist* — que junto com os jornais *Financial Times* e *Wall Street Journal* forma a *santíssima trindade* do jornalismo econômico e financeiro internacional —, o governo gastará três quartos de sua arrecadação (incluindo o orçamento da Previdência) para pagar salários, benefícios sociais e pensões.

As dificuldades ainda parecem mais visíveis do que as soluções, observa a reportagem — em tom de desilusão com a real disposição do País para modernizar-se —, enquanto alguns regulamentos das reformas dormem nas comissões do Congresso e os burocratas guardam as demais na gaveta.